

## QUESTÕES IDENTITÁRIAS EM A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS

Leila Cunha Raposo<sup>1</sup>

Inara de Oliveira Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** *Objetiva-se discutir as representações da construção identitária portuguesa evidenciadas no romance A máquina de fazer espanhóis, de Valter Hugo Mãe (2011). Para tanto, este estudo, eminentemente bibliográfico, fundamenta-se, principalmente, em Hall (2005) e Bauman (2005), quanto à problematização dos sentidos atuais do conceito de identidade, e em Padilha (2005), em relação a concepções identitárias assentadas, sobretudo, na perspectiva da lusitanidade. Como resultados mais relevantes, afirma-se a possibilidade de delinear os traços do lusismo, de sua euforia ao seu disforismo, ao analisar-se a trajetória do Sr. Silva, o protagonista da narrativa. A partir das memórias narradas pelo octogenário português, discute-se, então, como se configura o constructo da cartografia identitária portuguesa na atualidade.*

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa; Lusismo; Identidade.

### 1.Introdução

Em **A máquina de fazer espanhóis**, romance de Valter Hugo Mãe (2011), o enredo da trama desenvolve-se a partir do momento em que, condicionado a ir morar num asilo após a morte da esposa, o protagonista António Jorge Silva passa a rever sua trajetória de vida. Nesse rememorar do tempo, Silva relembra fatos pessoais atrelados à história de Portugal e, conseqüentemente, analisa as implicações das circunstâncias ocorridas ao longo dos seus oitenta anos, o que, de certo modo, permite uma reflexão sobre a identidade cultural portuguesa. Por meio de Silva, Mãe problematiza e concentra sua discussão num entrelaçar entre a presente contemporaneidade e o passado de Portugal, mais especificamente o período da ditadura salazarista. Por esse mesmo viés, são representados e discutidos, no romance, alguns dos grandes mitos da cultura portuguesa, como Camões, Fernando Pessoa, Amália Rodrigues, o time Benfica e, até mesmo, a Nossa Senhora de Fátima - simbolizando uma discussão que envolve a relação entre política e religião.

Problematiza-se, assim, neste trabalho, como se configura, na obra literária em referência, o constructo da cartografia identitária portuguesa na atualidade. Em especial, observa-se de que modo

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

o lusismo é delineado nesse romance de Mãe a partir das relações que Silva estabelece com alguns desses grandes ícones da cultura portuguesa, como, por exemplo, a aceitação a Fernando Pessoa e a rejeição a Camões.

<sup>1</sup> Mestranda em Linguagens e Representações – UESC.

<sup>2</sup> Orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> do Curso de Letras e do Mestrado em Letras Linguagens e Representações – UESC.

# IV S E P E X L E

## seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

A narrativa, em primeira pessoa, inicia-se com a angústia de Silva, num hospital, à espera de notícias sobre sua amada Laura, companheira de vida durante longos cinquenta anos. Nesse momento de espera, o atendente do hospital, também Silva, Cristiano Silva, tenta estabelecer uma conversa com o protagonista e já aí se discute sobre o que é “ser português”. O Silva atendente mostra-se um entusiasta da europeização dos portugueses, como se essa fosse a grande solução para a crise vivenciada em Portugal. Na voz do recepcionista, a afirmação de sua identidade: “a mim ninguém me apanha diminuído como outrora, somos europeus, eu sou um silva da europa” (MÃE, 2011, p. 13 – registra-se que o autor não utiliza maiúsculas em seu texto).

Por sua vez, António Silva mostra-se reticente tanto quanto ao presente em Portugal quanto a todo esse entusiasmo de Silva pela Europa. Entretanto, a conversa entre os dois é interrompida pela notícia da morte de Laura e, posteriormente, o protagonista é levado para um asilo, após a decisão da filha de que aquela seria a melhor solução para o pai. No decorrer da trama, em cenas de flash-back que contrapõem passado e presente, a construção da identidade portuguesa novamente é abordada e, assim se apresenta em todo o desenvolvimento do romance.

Para tratar-se dessa temática e realizar-se a análise proposta, apresentam-se, a seguir, os conceitos e a conseqüente abordagem teórica sobre as questões relativas ao lusismo e à construção da identidade portuguesa.

## 2. Concepções de identidade e Lusismo

Na atualidade, muito se problematiza acerca dos sentidos possíveis para o conceito de identidade e, numa época em que prevalecem as identificações e a fragmentação de uma visão identitária una, essa crise de identidade acompanha também um momento de crise global, envolvendo aspectos econômicos, sociais e morais, do mesmo modo que se repensa a noção de identidade nacional. Para Stuart Hall,

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2005, p. 12).

# *IV* **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

Entretanto, é preciso considerar que a identidade pressupõe um sentimento de pertença, cujo delineamento se faz mais presente a partir do momento em que há um confronto, em que as identificações são postas à prova em simbólicas negociações entre o eu e o outro.

Para Bauman (2005), esse processo de negociação advém justamente da moderna divisão social, fragmentada e caótica: “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido de fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados” (p. 18). Essa nova configuração social leva o sujeito a confrontamentos inevitáveis, pois, como afirma esse sociólogo,

As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente (BAUMAN, 2005, p. 19).

No que se refere à construção da identidade portuguesa, é possível observar que essa “negociação eternamente pendente” aplica-se ao caso português quanto à sua origem traumática e que se observa até a atualidade. Para Laura Padilha (2005) e Eduardo Lourenço (2001), Portugal origina-se da confrontação com o outro, o que evidencia a noção de que desde a sua origem, a construção da identidade portuguesa esteve em constante negociação simbólica. De acordo com Laura Padilha,

[...] para construir-se como diferença, no espaço ibérico, Portugal, de início, defrontou o outro, castelhano, desde a criação, por Afonso Henriques, da primeira dinastia (a afonsina). Para fazer-se dono das terras, já alargadas pelo pai, Henrique de Borgonha, o filho lutou, contra a mãe e o padrasto, pela posse do território. Nasce, desse enfrentamento matricida, o que podemos chamar, com Lourenço (1988), de origem traumática do estado português, traumatismo que assinalaria desde sempre a ‘comunidade imaginada’ (Anderson, 1989) que chamamos Portugal (PADILHA, 2005, p.6).

É possível observar então que a origem do Estado Português se dá a partir de confrontamentos com o outro e, desses confrontos, advém a necessidade de construir a identidade portuguesa, a qual

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

erige-se a partir do lusismo. Pautada em Hall (2003), Padilha defende que o lusismo pode ser delineado como elemento identificador da cultura lusitana e é por meio dele que se constrói a ideia de grande nação portuguesa. No artigo “Da construção identitária a uma trama de diferenças”, Laura Padilha (2005) faz um retrospecto de como o vocábulo lusismo deixa de ser conceituado simplesmente como um elemento linguístico, tal como define Antenor Nascentes, “vocábulo, expressão, construção, próprios do português falado em Portugal” (NASCENTES, 1972,

# IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

apud PADILHA, 2005, p.5) para ser analisado como um sinônimo de lusitanidade - segundo Antônio Houaiss, como: “caráter ou qualidade peculiar, individualizadora, do que ou de quem é português” (HOUAISS, 2001, apud PADILHA, 2005, p. 5).

Em sua análise, a professora observa que o movimento de glorificação dos lusos e da cultura portuguesa começa a se delinear nas crônicas de Fernão Lopes e Gomes de Zurara quando estes cronistas, a partir do confronto matricida realizado por Afonso Henriques, marcam Portugal como uma comunidade imaginada pela diferença no espaço ibérico. Aqui tem início o processo eufórico do lusismo, cujo apogeu se dá com *Os Lusíadas*, de Camões.

A epopeia camoniana marca, já em seu canto I, terceira estrofe: “Cesse tudo o que a Musa antiga canta / Que outro valor mais alto se alevanta” (CAMÕES, 1972). É a construção eufórica da identidade lusitana a partir de um fato histórico, o império lusitano marcado pela expansão ultramarina, pela conquista de novas terras na América, África e Ásia. É principalmente esse texto épico que marca o mar como espaço imagético de expansão e confronto com o outro, do mesmo modo que a conquista do mar é o passaporte para a expansão do império português e a dominação cultural e linguística empreendida pelos lusitanos.

Entretanto, se as aventuras marítimas trouxeram glória e fama, o projeto imperialista português também entrou em declínio e, a partir daí, começa o processo disfórico do lusismo. A princípio, na literatura portuguesa, esse processo propõe ao invés de uma viagem pelo mar, como fez a versão eufórica, uma viagem para dentro da terra. É um olhar que se volta para o chão, para as trilhas urbanas e rurais, para as marcas da terra a fim de que se reconheça também ali a lusitanidade do povo português. Esse movimento de disforia tem início com a literatura do Eça de Queiroz e Almeida Garrett, seguindo-se Laura Padilha no artigo referido.

A pesquisadora cita *Viagens na minha terra*, de Garrett, como uma obra que já delinea o processo disfórico porque, ainda que haja um diálogo estabelecido com a epopeia camoniana e o início da obra seja eufórico, convidando o leitor a adentrar o Tejo e ir a Santarém, com o desenvolvimento, vai sendo demonstrada a realidade portuguesa do desalento e da imaginada grandeza que não corresponde ao real. Assim, esse é só um dos exemplos citados pela pesquisadora, que referencia diversas outras obras literárias a fim de comprovar como o lusismo é representado

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

até o momento crítico do questionamento sobre aspectos identitários em Portugal.

Eduardo Lourenço (2001), por sua vez, cita esse período disfórico da literatura portuguesa como pertencente à segunda “idade de ouro” da cultura portuguesa e também o caracteriza como o momento em que se opõe a grandeza eufórica do passado, da gloriosa nação portuguesa, ao desencanto com a realidade portuguesa do presente. Lourenço, ao analisar esse período da literatura



# IV S E P E X L E

## seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

portuguesa, o contrapõe ao momento eufórico do lusismo, conhecido como primeira “idade de ouro” e assim o define:

O código da segunda ‘idade de ouro’ é o oposto: Portugal não é nada ou pouca coisa — fora a memória de ter sido grande, o que Garrett assimilará em termos míticos à saudade — e a literatura, tudo. Pelo menos no propósito. De algum modo, é o poeta, o novelista, o impiedoso analista de uma sociedade em busca de uma nova identidade, que cumprirá o milagre de uma nova transubstanciação: a realidade será o fruto do sonho que a antecede e a configura. Teremos o Portugal de Garrett, o Portugal de Herculano, o Portugal de Júlio Dinis, o Portugal de Camilo, o Portugal de Eça de Queirós. O Portugal de Camões está definitivamente nas ‘brumas da memória’, donde o evocará um Portugal histórico humilhado e sem saber onde buscar-se senão numa fuga transfigurada em revanche sobre o presente, que irá de Oliveira Martins à *Mensagem* de Fernando Pessoa (LOURENÇO, 2001, p. 86 – grifo do autor).

Desse modo, observa-se que o processo disfórico do lusismo revelou um país que fora glorioso no passado, mas que se encontrava sem rumo no presente. Para Laura Padilha (2005), a crise identitária que começou a vigorar em Portugal após a Revolução de 1974 e a independência das colônias africanas geraram um estilhaçamento do lusismo que, por sua vez, se vê delineado em duas alternativas: ou o caminhar terra adentro ou “indicação do trânsito pós-imperial e o exílio como a única resposta possível para o estilhaçamento de um sujeito que não mais se identifica com o sentido da hegemonia do Império” (PADILHA, 2005, p.12). Assim, Padilha explicita que essas duas alternativas exigem um novo modo de estar no mundo e, com isso, tem-se a possibilidade de reconfiguração do lusismo no confronto com o outro – ainda que esse outro seja o revisitar do próprio passado e dos mitos portugueses estilhaçados pelos questionamentos identitários da contemporaneidade.

### **3. Representações da identidade portuguesa em *A máquina de fazer espanhóis***

Em *A máquina de fazer espanhóis*, o octogenário português António Jorge Silva, se vê obrigado a ir morar num asilo após a morte de sua amada esposa Laura. Esse tempo presente tão

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

difícil de ser vivenciado pelo protagonista mistura-se ao tempo contemporâneo da história portuguesa, numa representação de incertezas, de agonia, de reacomodações e readaptações tão incômodas quanto é necessário a Silva aprender a viver sem sua amada e num asilo. No decorrer do romance, por meio dos questionamentos de Silva, Valter Hugo Mãe discute a nova configuração da cartografia identitária portuguesa, bem como a estranha sensação de deslocamento que parece

# IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

acompanhar Portugal desde a sua segunda “idade de ouro”, como fala Eduardo Lourenço (2001) ou, ainda, desde a sua origem traumática, como citam Padilha (2005) e Lourenço (2001).

Numa relação que é ao mesmo tempo de repulsa e atração por alguns desses ícones da cultura portuguesa, o protagonista António Silva discute a interferência desses símbolos culturais na formação identitária dos portugueses e na consagração desse povo como homens bons, pacíficos e ordeiros. Ao referenciar, por exemplo, Amália Rodrigues, a mais reconhecida cantora dos fados portugueses, Silva assim descreve o modo como o comportamento da cantora e suas falas interferiam na organização do modo de vida português:

[...] parecíamos um grande cenário de legos, pobrezinhos mas tão lavadinhos por dentro e por fora, a obedecer, divirtam-se gentes da minha terra, não é desgraça ser pobre, punha-se a amália a dizer, e que numa casa portuguesa há pão e vinho e um conforto pobrezinho e fartura de carinho, e ela que ia a França comprar vestidos onde se vestiam as estrelas de cinema americano e se embonecava de joias e até tinha visto o Brasil e a Espanha, servia para que a amássemos e fôssemos pensando que estávamos todos tão bem ali metidos, éramos todos tão boas pessoas, tão bons homens, realmente (MÃE, 2011, p. 134 - grifo nosso).

Ao citar Amália Rodrigues e o seu discurso durante o período da ditadura salazarista, bem como o seu comportamento exuberante de cantora que podia comprar caríssimos vestidos enquanto a população portuguesa sofria com poucos recursos econômicos, Mãe, ao criticar o comportamento da cantora, evidencia uma relação de repulsa e atração muito comum aos portugueses em referência a Amália, como pode ser percebido no fragmento

e eu, de facto, ainda adoro a amália e ouço-a quase a chorar se for preciso e se tivesse de escolher um só português para entrar no paraíso, talvez quisesse que fosse ela, para eternizar de verdade aquela voz. a maior voz da desgraça e do engano dos portugueses. pena não haver paraíso, já não haver amália e ter havido e sobrar para aí tanta desgraça e engano (MÃE, 2011, p. 134).

Quando, no fragmento do romance, Silva afirma que Amália Rodrigues é/foi a “a maior voz da desgraça e do engano dos portugueses”, ele implicitamente critica também o modo como o

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Campus Soane Nazaré de Andrade

21 a 23 de Maio de 2012

discurso da cantora esteve a serviço da ditadura salazarista, fazendo o povo português acreditar na ideia de que não é vergonha ser pobre e o quanto importava que o povo fosse pacífico e ordeiro. Assim, Mãe enfatiza a contraditória situação de Silva que, mesmo tendo a percepção do quanto as falas de Amália Rodrigues repercutiam determinada imagem (conservadora) de Portugal, ainda assim adorava a cantora e, ironicamente, lhe ofereceria o paraíso, caso este existisse.

# IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

Nas memórias de Silva, não só Amália Rodrigues esteve a serviço do Salazarismo, como o octogenário também ressalta o quanto o futebol interferiu diretamente na continuidade da ideia de povo glorioso:

ainda hoje ouço os velhos comentarem que o paizinho fez tudo para que o benfica personificasse a glória da nação. era como ter um exército do desporto, uma seleção, pois, que fora constituída e adotada por coração depois do erro que fora esperar do sporting tal coisa (MÃE, 2011, p. 81).

Mais uma vez, Mãe recorre a um ícone da cultura portuguesa, neste caso, o time Benfica e os seus jogadores, a fim de representar como a sociedade foi reunida em torno de um mesmo lema – o orgulho de ser português – em detrimento à percepção de como o regime controlava a toda a sociedade:

e todas as pessoas passaram a ser benfiquistas encurralados, o que significa que eram benfiquistas porque a oposição já não era nenhuma e todos queriam adorar campeões, e era ver o entusiasmo do ditador com o futebol dos encarnados. [...] eu que sempre fui portista, gostava do eusébio como era impossível não gostar. gostava dele em grande e estava, claro que pelo coração, do lado do paizinho e isso propunha atenuar consideravelmente as minhas desconfianças, nem sempre lúcidas, acerca do regime (MÃE, 2011, p.81-82).

Nesse momento da narrativa, é possível perceber então que a ideia eufórica do lusismo se faz presente no romance, tanto por meio da exaltação de ícones como Amália Rodrigues e o time Benfica, quanto pela referência constante ao orgulho de ser português – “peito viril erguido contra malandros estrangeiros” (MÃE, 2011, p.82), mas, claramente com intenção irônica e crítica, afirmando-se uma aura de descrédito por esse orgulho patriótico. Assim, pelo modo como essa perspectiva eufórica do Lusismo é representada no texto, observa-se que ela já antecipa o tom disfórico que prevalecerá no romance de Mãe.

A matiz irônica e crítica, aliada a certo orgulho de ser português também pode ser observada no capítulo “herdar Portugal”, em cujo desenvolvimento Silva narra, dentre outras passagens, o nascimento da pequena Elisa, primeira filha do casal. Para o protagonista, a menina se torna herdeira de Portugal e pelo modo como ele narra o nascimento dela, é possível observar que a herança tanto representava a

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

assunção dos muitos problemas de Portugal, quanto um certo orgulho pela resistência dos portugueses.

quando a Laura pariu, torturada de expectativas, a nossa elisa nasceu na felicidade e na frustração. podias ser francesa, elisa. podias ter sido francesa, embora nos dê um orgulho tão grande a resistência que te permitiu ser portuguesa e, assim, herdar portugal. portugal é teu, minha filha, é teu, mesmo assim difícil de compreender (MÃE, 2011, p.85).

# IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

Por esse fragmento, é possível observar, ainda, na fala de Silva que, mesmo sem compreender claramente a situação social de Portugal, por todas as dificuldades financeiras e emocionais que ele e Laura passaram, a ideia de orgulho português permanece. A identidade portuguesa gloriosa está agora na resistência, na continuidade do ser português e não de fugir para outros países, como a França, por exemplo, já que essa foi a opção encontrada por muitos portugueses que conseguiram fugir do país antes que tudo em Portugal piorasse.

Reafirma-se, entretanto, que essa perspectiva eufórica do lusismo é representada na obra em meio a revelações de desconfiança, incredulidade, incertezas quanto ao futuro de Portugal e ao que era vivenciado por Silva e relatado ao sabor das suas lembranças, sem que haja uma linearidade no relato, pois, como dito anteriormente, o romance é construído com cenas de *flash-back* que alternam o presente no asilo com as memórias da vida ao longo dos oitenta anos. Essa alternância de passado e presente, bem como a representação de euforia, incertezas e angústias auxilia na configuração do lusismo disfórico no texto, cujas características se mostram mais marcantes no tom pessimista e angustiante do relato de Silva, como percebido, por exemplo, no momento em que, por diversas vezes, ele relata as suas percepções acerca das relações entre a Igreja e o Estado. Nesse último caso, por vezes, Silva referencia como essas duas instituições estavam unidas num projeto político que deixava os portugueses cada vez mais pobres e mais conformados com a sua situação social. Ao referir-se a Salazar, Silva diz que ele é um gênio por conseguir manter a Igreja e o Estado juntos nesse projeto que visava deixar os portugueses apáticos, completamente manipulados por essas esferas de poder quanto à sua condição social:

ele é um gênio, e os padres, desde que fiquem nos poleiros garantidos para engordarem, estão sempre felizes. que melhor discurso pode haver para os padres do que a promoção da beleza de se ser pobrezinho. a promoção da beleza de se ser pobrezinho é um casamento perfeito. o político que gosta dos pobrezinhos e os mantém pobrezinhos, com a igreja que gosta dos pobrezinhos e os mantém pobrezinhos. mas, quer o político, quer a igreja, dominam ou podem dominar o fausto (MÃE, 2011, p. 137).

Na representação dessa relação entre a Igreja e Salazar, Nossa Senhora de Fátima aparece como símbolo a ser discutido, desconstruído e desierarquizado. Isso porque, quando Silva vai para o abrigo,

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Campus Soane Nazaré de Andrade

21 a 23 de Maio de 2012

ele leva com suas roupas, fotografias de Laura. Entretanto, tiram do quarto tudo o que lhe lembra Laura e sua vida antes do abrigo, ficando no seu quarto apenas uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. Essa santa, de acordo com o Catolicismo, teria aparecido em Portugal a três crianças portuguesas, fazendo-lhes revelações. O santuário de Nossa Senhora de Fátima é um monumento no país, e a história da santa tornou-se um ícone da cultura portuguesa, fortemente católica.



# IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

Porém, no romance, ao ser obrigado a conviver com a imagem dessa Nossa Senhora, Silva mostra o seu repúdio à santa, justamente por ela simbolizar para ele a Igreja. Mais especificamente, o modo como a Igreja se portou como uma aliada de Salazar, vendendo um discurso que não condizia com a realidade portuguesa. Assim, Silva demonstra também todo o seu descrédito em relação ao discurso do catolicismo, do paraíso, das ideias transcendentais divulgadas pela Igreja. No romance, a convivência forçada com a imagem da santa é também uma tentativa de impor a Silva uma crença religiosa, como se percebe no fragmento a seguir:

a laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. depois, nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher. depois, ainda nessa mesma tarde, trouxeram uma imagem da nossa senhora de fátima e disseram que, com o tempo, eu haveria de ganhar um credo religioso, aprenderia a rezar e salvaria assim a minha alma (MÃE, 2011, p. 23).

Entretanto, para um homem já tão decepcionado com seu país e a Igreja, essa imposição da imagem da santa não lhe traz a devoção esperada. Ao contrário, com o desenvolvimento do romance, a relação vai se mostrando mais humanizada e não divinizada:

olhei para a figura da nossa senhora de fátima e falei mudo, tenho pena de ti, metida à cabeceira dos tristes nos lugares mais tristes de todos e agora vens assistirme, eu que nada tenho para te mostrar que valha o empenho de maneres incessantemente esses olhos azuis abertos, essas mãos postas no ar. talvez devesse despedaçar aquela estatueta. libertá-la da obrigação de estar ali com solenidades sagradas que, sem dúvida, cansariam o melhor dos espíritos. talvez devesse lembrá-los de que não sou um homem religioso e que a perda não me fez acreditar em fantasias (MÃE, 2011, p. 25-26).

Pode-se observar nesse olhar piedoso de Silva para a Nossa Senhora de Fátima a humanização da relação que deveria ser sacralizada, mas se mostra firme em sua convicção de não ser religioso e classifica como fantasiosas as ideias da Igreja ao referenciar que não acreditaria em fantasias. No decorrer do romance, Silva passará a chamar a santa de Mariazinha e arrancará as pombinhas que compõem a sua imagem, chegando a levá-la para passear pelo abrigo junto com seus companheiros do lar e promovendo, assim, uma desierarquização dessa aura de santidade e tornando-a mais

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

Campus Soane Nazaré de Andrade

21 a 23 de Maio de 2012

humana. Essa postura de desmitificar ícones emblemáticos da cultura portuguesa também pode ser observada no que se refere à figura camoniana.

Por meio das recordações de Silva e dos debates que ele tem com outros idosos no asilo, são retomados também os grandes nomes de Camões e Fernando Pessoa, mas é desfeito o mito de que Camões fora o maior poeta português e exalta-se a figura de Pessoa. Em relação a Camões, numa

# IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

conversa com Anísio, um dos companheiros de Silva no asilo, enquanto este defende Camões como um visionário, o maior símbolo poético de Portugal, Silva assim define o poeta do Classicismo: “o bandarra o mais que viu também foi nevoeiro. pense bem, foi um nevoeiro que lhe tolheu as adivinhações. não adivinhou nada, é o que é. adivinhou o raio que o parta. era mais um poeta” (MÃE, 2011, p. 92). Desse modo, percebe-se que Silva dessacraliza o ícone camoniano, colocando-o na categoria de um poeta a mais.

No que concerne a Fernando Pessoa, a relação é diferente. Na voz de Silva, o poeta dos heterônimos tanto é descrito como “o próprio maravilhoso genial lindo fernando pessoa” (MÃE, 2011, p. 51) quanto é exaltado como “o nosso grande poeta” (MÃE, 2011, p. 51). É possível que, na obra, essa exaltação a Pessoa se dê como uma homenagem do Mãe ao poeta, entretanto, quanto à cartografia identitária portuguesa, o tom assumido por Mãe difere ainda da esperança de Pessoa, presente na obra **Mensagem**.

Se em **Mensagem**, Pessoa termina a obra com os versos “Tudo é disperso,/ nada é inteiro./ Ó Portugal, hoje és nevoeiro... / É a Hora!” e a incitação final pode traduzir ainda a noção de mito como um sonho possível na reconstrução da grandeza de Portugal, no romance de Mãe parece predominar a angústia, uma desesperança sem rumo a seguir. Assim, o protagonista de Mãe cita, com desalento, os caminhos salgados de Portugal: “fomos sempre um povo de caminhos salgados. Ainda somos um povo de caminhos salgados. Isto é coisa para nos amargar o sangue e nunca mais nos permitir a leveza destas cenas” (MÃE, 2011, p. 205).

O autor, no romance, assume um desalento pessimista, uma condição de desesperança frente ao presente e ao futuro, ainda que questione e desconstrua mitos do passado português, como se a crise de identidade portuguesa conduzisse a uma cartografia que agoniza presa ao passado, sem conseguir a tão desejada liberdade de novos caminhos para dar prosseguimento à história. No trecho final de **A máquina de fazer espanhóis**, o romancista conclui referenciando justamente a angústia de Silva: “[...] o que sente, senhor silva. e eu repeti, angústia, sinto angústia” (MÃE, 2011, p. 250). Essa condição de angústia e agonia que marcam toda a obra remete aquele verso de Pessoa – “É a hora” – indicando que Portugal parece estar parado no tempo, ainda necessitando ir avante, descobrir novos caminhos. Porém, esse tom de agonia não deixa espaço a uma perspectiva

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

minimamente esperançosa: não sobraram mitos, não sobraram ritos – apenas resta o compartilhamento de um sofrimento que nem a morte é o bastante para dizimar.

#### **4. Considerações finais**

Como resultados mais relevantes deste estudo, que, enquanto proposta investigativa, ainda se encontra em desenvolvimento, afirma-se a possibilidade de delinear os traços do lusismo, de sua euforia

# IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

ao seu disforismo, ao analisar-se a trajetória do Sr. Silva, o protagonista de **A máquina de fazer espanhóis**. Observa-se que essa representação e discussão sobre alguns dos grandes mitos da cultura portuguesa, como Camões, Fernando Pessoa, Amália Rodrigues, o time Benfica e, até mesmo, a Nossa Senhora de Fátima - simbolizando uma discussão que envolve a relação entre política e religião – evidencia o caráter de permanente negociação da cultura portuguesa, como uma evidência da crise que atinge Portugal e impõe aos portugueses um repensar desse lugar agonístico que ainda ocupam, como quem não conseguiu desvencilhar-se de um remoto passado glorioso e se vê preso a um presente de incertezas, com a necessidade de projetar urgentemente o futuro.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10 ed. São Paulo: DP&A, 2005.
- LOURENÇO, Eduardo. **A nau de Ícaro e imagem e miragem da lusofonia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- PADILHA, Laura Cavalcante. Da construção identitária a uma trama de diferenças – Um olhar sobre as literaturas de Língua Portuguesa. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 73, Dezembro 2005: 3-28.

[PDF to Word](#)